

# O PARADOXO DO JORNALISTA NA PRODUÇÃO DE SENTIDO DAS ENTREVISTAS: ENTRE O DILEMA DA HISTORICIDADE E O TEMPO DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Gerson de SOUSA<sup>1</sup>

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo efetivar, por meio da análise cultural, a produção de sentido de jornalistas desveladas por meio de entrevistas realizadas para compreender o significado histórico do jornalismo. Para entender esse processo de construção de si, explicita as categorias que fundaram as entrevistas e os contrapontos que levam ao entendimento deste processo de identidade do sujeito que narra a experiência vivida. A problemática está materializada ao indagar em que sentido pode-se considerar que a produção jornalista é história. A análise teórica das entrevistas se faz a partir da e na reelaboração, pela memória, do sentido da próprio viver no presente. O dilema está na exteriorização dos sujeitos de que o jornalismo é história ao mesmo tempo em que a rotina torna-se obstáculo para afirmar que o jornalista tem consciência no ato em que escreve de que está produzindo história.

**Palavras-chave:** Cotidiano; Jornalismo; Memória; Análise Cultural; Estudos Culturais.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo desvelar o processo dialético em que se construiu as entrevistas com sujeitos jornalistas que vivenciam o cotidiano profissional em Uberlândia. Trata-se da análise da pesquisa intitulada **As implicações da Cultura no processo de construção de identidade do Jornalista: memória de formação teórica e experiência profissional no cotidiano de Uberlândia**, no qual atuei como coordenador e obtive o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig).

A pesquisa realizada sobre a identidade do jornalista teve como proposta identificar as contradições vivenciadas pelos profissionais no mercado de trabalho em um contexto em que a cultura como política passa a definir o contexto

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Comunicação ECA-USP, atua como Prof. Adjunto do Curso de Jornalismo e Prof. Permanente do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faced/UFU. Realiza pesquisa em Estudos Culturais na área de Comunicação com abordagem em Cultura, Velhice, Experiência e Memória. e-mail: g.sousa1971@hotmail.com

contemporâneo. Essa é a defesa em que se constitui este artigo por meio da epistemologia do Materialismo Histórico Dialético, com a base teórica dos Estudos Culturais em que se utilizou a abordagem metodológica da Análise Cultural. A seleção de 10 jornalistas para realizar a entrevista em profundidade esteve demarcada pelo objetivo de analisar as relações e contrapontos possíveis entre o processo de formação dos recém profissionais (últimos cinco anos) e profissionais formados há mais de 30 anos (com ênfase em sua formação prática e teórica). A análise considerou o atual currículo dos cursos de jornalismo e avaliou as discussões de mudanças nos programas de disciplinas.

O principal aspecto da pesquisa está em compreender as reflexões produzidas pelos sujeitos jornalistas sobre o sentido do cotidiano e estabelecer um sentido que responda às problemáticas de partida desta pesquisa: observar o cotidiano como espaço e tempo de produção de sentido, a forma com que os profissionais lidam com os desafios da atividade jornalística, desde suas possíveis dificuldades até seus possíveis êxitos.

Há duas problemática que mergulham no entendimento desses sujeitos no processo da entrevista. A produção de sentido do jornalista nos meios de comunicação pode ser considerada histórica? Será que podemos considerar o jornalista como historiador do presente? Essas perguntas se tornaram elementos emblemáticos na pauta das entrevistas realizadas com os profissionais. Esse aspecto se tornou complexo porque esteve somado ao objetivo de analisar, por meio da dialética, como os jornalistas compreendem sua produção de sentido como sentido histórico. A pergunta direcionada aos entrevistados, sobre o porquê é possível considerar o jornalismo como histórico, tem o ponto preciso de compreender a distância entre a elaboração conceitual da profissão e a consciência do ato do sujeito em sua realidade.

O paradoxo em que cada entrevistado enfrentou na busca de coerência para si mesmo sobre o seu cotidiano esteve em problematizar: é possível considerar o trabalho jornalístico como história e ao mesmo tempo considerar que o jornalista não tem consciência de que aquilo que ele produz tem sentido histórico? Há outro questionamento: se a rotina de inúmeras matérias a ser produzidas no dia-a-dia leva ao obstáculo de entender a profundidade em sua dimensão histórica, o que realmente edifica a definir que esses textos se fundamentem como história? É possível relegar ao tempo e ao registro da plataforma midiática a consciência histórica que está ausente do sujeito jornalista que a produz em sua experiência vivida? E a que preço se efetiva essa afirmativa, em que o conteúdo do que se efetiva como escrito é substantivo e o escritor é destituído sem se compreender como agente da produção social?

## ANÁLISE PROCESSUAL

O resultado da pesquisa pode ser destacado em quatro vertentes para entendermos o processo. A primeira vertente está inscrita no seguinte questionamento: em que momento da sua história de vida tomou a decisão de fazer o curso de jornalismo? O problema inicial levava o entrevistado para o tempo da infância e da sua formação e principalmente os impasses para definir qual o curso iria entrar.

As respostas mostram que boa parte dos 10 entrevistados só optaram pelo jornalismo a partir da segunda ou terceira desistência de outro curso. E que direcionaram as ambições frustradas de outros cursos para a principal preocupação de estar formado em jornalismo. Esse relato identifica o processo seletivo de valor que os sujeitos mergulham no tempo e espaço universitário, em que os conflitos iniciais afluem como ingredientes para a produção de sentido universitária.

A segunda vertente está na memória de formação teórica. O que você recorda das aulas teóricas e das disciplinas práticas? Qual o olhar que se tem do mercado quando se está no processo de formação acadêmica? Essa questão levou os entrevistados a relatarem que a base conceitual não é o ponto forte das universidades enquanto sistematização de conhecimento. As lembranças percorrem um ou outro professor, mas pouco para efetivar a consistência de formação como pesquisador.

Por outro lado, as disciplinas práticas são denunciadas como mero produto de adaptação de mercado. Os testemunhos dos entrevistados revelam que trata-se de uma necessidade, pois a universidade deve preparar o aluno para o mercado de trabalho. Mas as demarcações dessas aulas revelam que trata-se de contingência de reforço, no sentido behaviorista de comportamento, do que exercício prático que remete ao pensamento crítico da realidade.

A prática em nome do mercado se esfacela no primeiro confronto do discente ao espaço que busca se readequar. Por isso, esse relato vem mergulhado entre o desejo de querer mais prática, como se o despreparo fosse sempre considerado como insuficiente diante dos exercícios de reforço. A crítica que se pode efetivar a esse entendimento dos entrevistados é que há uma confusão entre o tempo acadêmico e o tempo do mercado de trabalho. Tem se a impressão de que se busca uma uniformização do tempo que poderia ser mais prejudicial do que levar a um aspecto construtivo do ser sujeito.

A terceira vertente da pesquisa está no ingresso do formando ou da atividade prática no mercado de trabalho. A questão de fundo: o mercado realmente forma o sujeito? Os dilemas dos entrevistados mostram um paradoxo: os primeiros anos levam a reconhecer que a contingência de reforço das disciplinas práticas dão pouca

base para o percurso que ora se inicia. Mas essa revelação se faz materializada no editor, ou mais precisamente, na figura que toma outra autoridade em substituição ao docente.

A crítica remetida ao diagnóstico fundado pelo editor é o elemento crucial que direciona a preocupação profissional do sujeito. É neste processo que o entrevistado reelabora sua proposta de vida, a partir dos traços em vermelho das correções em matérias devolvidas pelo editor, cujos comentários traduzem a falta em sua potencialidade para atingir o que se vislumbra como jornalismo. As entrevistas revelam que a superação a esse caminho está ora no entendimento funcional do trabalho do jornalista, ora na procura de reconstruir, agora como novo olhar, a formação teórica na especialização.

Mesmo nesta via há um paradoxo: A rotina e o sempre novo, aos fatos externos da profissão, se tornam discursos para produzir sentido na vida que não escapam de uma colisão no presente. A rotina decreta em determinado momento que a exigência na quantidade de pautas e na velocidade da escrita levam a uma despersonalização ao ponto de não se reconhecer nas matérias. Sabe-se que não se escreve livremente. E o que predomina mais neste aspecto é a ideologia da empresa.

Em segundo, o sujeito se refugia em sua autoestima quando revela que escreve para se satisfazer os seus percursos teóricos e de conhecimento. A fragilidade está quando se exige a identificação do público com a pergunta: para quem se escreve? É neste momento em que a responsabilidade social do jornalismo se torna um problema a enfrentar na realidade. Pois este aspecto revelador leva a outro ponto que tratarei na próxima vertente. Para fechar esse quadro, estamos diante do discurso do novo.

O prazer de ser jornalista é que a cada dia se tem um entrevistado diferente, uma situação diferente e, porque não, uma emoção diferente por dia. O termo matar um leão por dia mostra esse inigualável momento em que o preenchimento das atividades do dia tem início com a incógnita de como se chegará ao fim da tarde.

A quarta vertente tem peso complexo. A produção do jornalismo pode ter atribuído em seu sentido o status de história? Primeiro é necessário efetivar aqui a defesa da produção de sentido do jornalismo. Por meio do método de análise cultural e da teoria dos Estudos Culturais ingleses, a defesa é que o sujeito esteja com consciência de seu destino histórico quando efetiva no processo comunicativo. Mas as indagações no percurso do pensamento durante as respostas dos entrevistados demarcam que ora pela rotina, ora pela distração do novo, o jornalista poucas vezes tem consciência de que, no momento em que escreve o texto, está efetivando uma leitura histórica fundante para o seu tempo.

O impasse está exatamente neste elemento: é possível remeter a produção do sujeito jornalista como história sem que ele tenha consciência de se estar fazendo história? Seria o jornal tornado história somente pela plataforma e por estar em um tempo distante da data do fato registrado? As respostas indicam que o jornalismo é história, mas os jornalistas não tem consciência de história. E ao considerar esse dilema vem outro problema: que tipo de história está sendo narrada pelo jornalismo, quando se perde o vínculo com o social em que ele está inserido?

É preciso esclarecer que a problemática das perguntas está contextualizada ao método de Análise Cultural da qual a pesquisa se orientou pela base teórica dos Estudos Culturais. O primeiro aspecto se refere ao conceito de entrevista. Parte-se do pressuposto de que a entrevista está distante de mera obtenção de dados ou da resposta do entrevistado para se constituir como justificativa de fragmento conclusivo na pesquisa. É preciso superar esse reducionismo que destitui o entrevistado e o caracteriza como objetificação informativa para o enfrenta-lo como sujeito no dilema do cotidiano. A constituição do sujeito no presente tem de ser apreendido como instância de tensão e conflito na experiência vivida. Isso implica reconhecer que a produção de sentido de e do ser jornalista perpassa dois fatores: ora a memória no passado procura encontrar justificativa no processo constitutivo de identidade para dar coerência ao presente, ora é a necessidade de responder a algo que o desafia no presente que demarca o caminho a ser percorrido pelo sujeito. Por uma ou outra forma, estamos diante da tomada histórica da vida deste sujeito mergulhado em sua experiência vivida.

O primeiro aspecto importante aqui é entender o que venho tratando como conceito de entrevista. O posicionamento teórico, que será desenvolvido aqui, é que a entrevista tem de ser compreendida em sua mais profunda forma de ser o diálogo possível MEDINA (1986). A entrevista é a construção crítica possibilitada na relação entre sujeitos que mergulham na realidade histórica do processo comunicativo por meio do conflito da experiência vivida. A entrevista se estrutura no tempo de concessão de vida em que entrevistado e entrevistador definem como valor para existência em determinado espaço social. Essa relação entre os sujeitos conduz a nova dimensão no movimento do conhecimento sobre determinado aspecto da realidade. Em todos esses movimentos do passado, é a memória que se efetiva no presente como produção de sentido.

O paradoxo em que cada entrevistado enfrentou na busca de coerência para si mesmo sobre o seu cotidiano teve adicionado outras problemáticas: é possível relegar ao tempo e ao registro da plataforma midiática a consciência histórica que está ausente do sujeito jornalista que a produz em sua experiência vivida? E a que preço se efetiva essa afirmativa, em que o conteúdo do que se efetiva como escrito é

substantivo e o escritor é destituído sem se compreender como agente da produção social?

## **MATERIALISMO CULTURAL**

O método de Análise Cultural parte dos embates sobre o materialismo cultural ao que Raymond Williams apresenta principalmente em *Cultura e Materialismo*. A proposta inicial de WILLIAMS (2011) é elaborar uma teoria marxista da cultura em que parte da crítica de vincular a cultura como algo abstrato, como belo ou como paz para o espírito, sem vínculo com a realidade. Para ultrapassar essa leitura, Williams defende que o conceito de cultura tem de ser pensado como atividade material da sociedade. Mais do que isso: a redefinição da cultura se sustenta em conceituá-la pelos Estudos Culturais como “como um modo de vida para demonstrar que se trata de algo comum a toda sociedade, que inclui, além das grandes obras – modos de descoberta e de criação – os significados e valores que organizam a vida comum”. (CEVASCO, 2001, p. 110)

Essa redefinição de cultura procura mergulhar na produção de sentido do cotidiano do sujeito para compreender a dimensão histórica e social. A defesa nesta praxis está em compreender a responsabilidade da Comunicação no contexto contemporâneo para possibilitar, pelo enfrentamento, que a cultura se torne comum. Esse conceito de comum é diferente do que se possa estabelecer como homogeneização resultante da Indústria Cultural. O que consiste a cultura comum defendida por Williams? A defesa explícita de que “mais do que difundir grandes obras, uma política das artes embasada nesse conceito de cultura tem como objetivo a extensão: a ideia é abrir os canais, facilitar o acesso, sabendo muito bem que com isso se perderá o controle das interpretações”. (CEVASCO, 2001, p. 110).

Para entender o materialismo cultural é imprescindível que se estabeleça a articulação do método para a base epistemológica do Materialismo Histórico e Dialético, conceituado por Karl Marx. Isso significa que o método de Análise Cultural, em que este artigo demarca o mergulho da pesquisa, tem como elemento imanente esses três aspectos que nos levam a compreender o sujeito na realidade. Primeiro, configura a necessidade de que o sujeito mergulhado na produção o de sentido do cotidiano seja compreendido mais próximo de suas angústias vivenciadas no concreto. É esse aspecto que nos estabelece a distância entre a representação deste outro, a partir de referências que o nega e o conduz ao estereótipo, daquilo que se denomina como identidade.

E qual a concepção de sujeito que percorre essa defesa teórica: é o de que o homem produz a sua consciência a partir da experiência vivida na realidade. Como mesmo define HALL (2003) não se trata de entender esse sujeito como totalmente livre, o que levaria a uma espécie de culturalismo. HALL é preciso ao considerar que a proposta teórica dos Estudos Culturais não pode ser entendida como determinista, mas sim como determinante. A cultura não pode ser entendida como reflexo do econômico, a partir da dimensão base-superestrutura, mas em sua força hegemônica. E assim deve ser analisado o sujeito no mergulho do concreto da realidade.

Neste campo em que conceituamos como base materialista, a questão é analisar como a cultura, mais do que um mero efeito da infraestrutrua (econômico), é um elemento fundamental para a produção crítica da sociedade e, portanto, um campo importante na luta para modificar essa organização. O objetivo de construir uma teoria materialista da cultura está em dimensionar analiticamente seu papel social, de forma que contribua para a construção de uma alternativa de sociedade mais justa e igualitária. Essa construção alternativa está vinculada ao outro elemento epistemológico.

O segundo aspecto está na constituição da dimensão histórica como fato imanente para entender o dilema do materialismo cultural, e como se ampara neste artigo, do método da Análise Cultural. A historicidade demarca aspecto fundante neste método, principalmente na interpretação teórica que se efetiva sobre o jornalismo. O ponto essencial na defesa é considerar que o trabalho jornalístico, longe de incorrer no individualismo, deve ser entendido sempre como produção social. No artigo Meios de comunicação como meios de produção, Williams efetiva a defesa:

os meios de comunicação, das formas mais simples da linguagem às formas mais avançadas da tecnologia da comunicação, são sempre social e materialmente produzidos e, obviamente, reproduzidos. Contudo, eles não são apenas formas, mas meios de produção, uma vez que a comunicação e os seus meios materiais são intrínsecos a todas as formas distintamente humanas de trabalho e de organização social, constituindo-se assim em elementos indispensáveis tanto para as forças produtivas quanto para as relações sociais de produção (WILLIAMS, 2011, p. 69).

E em sua reflexão o autor prossegue:

Os meios de comunicação, tanto como produto, quanto como meios de produção, estão diretamente subordinados ao desenvolvimento histórico. Isso, porque, primeiramente, os meios de comunicação tem uma produção histórica específica, que é sempre mais ou menos relacionada as fases históricas gerais da capacidade produtiva e técnica. E também é assim, em segundo lugar, porque os meios de comunicação, historicamente em transformação, possuem relações históricas variáveis com o complexo geral das forças produtivas e com as relações sociais gerais, que são por eles produzidas e que as forças produtivas gerais tanto produzem como reproduzem. (WILLIAMS, 2011, p. 69-70).

A defesa deste elemento histórico como discussão no campo do jornalismo também pode ser ratificado na teoria marxista do Jornalismo proposta Adeldo GENRO FILHO (1987). Ele explica que o relato jornalístico, a notícia ou reportagem, reproduz os fatos a partir de um complexo trabalho subjetivo, que supera o particular e o universal no interior da singularidade do fato jornalístico. “[...] um fato jornalístico não é uma objetividade tomada isoladamente, fora de suas relações históricas e sociais, mas, ao contrário, é a interiorização dessas relações na reconstituição subjetiva do fenômeno descrito.” (p. 91-136)

O ponto essencial dos Estudos Culturais é considerar que há um sistema cultural dominante que se manifesta e atua pela interposição dos meios de comunicação. E em seu debate sobre a sociedade contemporânea, Williams, considera que

estão dadas as condições técnicas para se produzir o suficiente para todos. Os meios de comunicação de massa são a condição técnica necessária para a criação de uma cultura comum. O fato de que por mais que se desenvolvam esses meios, essa aplicação continua longinqua, é uma exposição, um julgamento e uma condenação da qualidade dessa sociedade. (CEVASCO, 2001, p. 73)

O terceiro aspecto em que se deve nortear o Método de Análise Cultural é a dialética, entendida aqui como a contradição imanente do processo da vida social. E é nesse processo que o sujeito constrói a sua consciência na realidade concreta. Essa materialidade leva Marx a defender o que a consciência não pode ser destituída do ato do sujeito consciente em seu processo de produção de sentido na realidade. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. Esse é o



aspecto pelo qual a pesquisa se orienta pelo Método de Análise Cultural e, neste artigo, se pretende analisar os depoimentos dos jornalistas sobre esse paradoxo.

## **A DIALÉTICA DA ENTREVISTA**

Para o entendimento deste debate, este artigo retomará o desenvolvimento da resposta à este questionamento inagado a dois jornalistas. João Feliciano, o primeiro, atualmente tabalha como assessor de imprensa e é recém formado pela Centro Universitário do Triângulo (Unitri). Para a resposta a essa pergunta, se considera o jornalismo histórico, FELICIANO foi enfático: “Muito”. O ponto essencial aqui é entender se a afirmativa sobre o jornalismo está diretamente vinculada ao sujeito jornalista. E a continuidade das respostas levaram a esta reflexão no desenvolvimento do ato da entrevista.

Como sustentar esse muito respondido de forma dedutiva? E então o entrevistado se mergulha no convite da entrevista como dialética a refletir sobre si mesmo.

Eu acho o jornalismo muito histórico porque... primeira coisa a gente produz conteúdo e a gente produz conteúdo que vai ficar registrado por um determinado tempo. Mas hoje, com essa oportunidade do digital em si, você pode eternizar isso. Porque a internet tá pra sempre aí. Algumas coisas você pode apagar, mas você vai ser sempre registrado. Todo conhecimento que a gente tem de história antiga hoje foi baseado em relatos que eram praticamente jornais Então os caras precisavam fazer algum comunicado, escrevia. Ou na época que eles tinham os folhetins, que eram pregados assim. Enfim né, tudo isso. Eu acho que pela nossa facilidade de dominar o conteúdo e ter a oportunidade de divulgar esse conteúdo, somos historiadores sabe? Ou criadores da história, também... (Entrevista, João FELICIANO, Mai. 2016)

A primeira resposta leva ao entendimento teórico conceitual sobre o que o jornalista considera como histórico: o conteúdo que fica registrado na plataforma eterniza um momento da produção social do jornalista que tanto o leitor do presente quanto os de outras gerações irão ter como documento histórico. Mas será que esse procedimento de ter como registrado já sustenta a afirmativa final de vincular os jornalistas como historiadores? Ou se trata da simples divulgação? O que consistiria neste ser criador de história?

A próxima etapa do prosseguimento da entrevista tinha como ênfase o mergulho para entender o sujeito jornalista. E então, se instaura novas problemáticas em que se busca entender a dimensão da afirmativa de ser o jornalista um historiador: você considera que o jornalista, submetido a rotina no trabalho dele no mercado, tem consciência de que aquilo que ele está escrevendo é histórico? A resposta tangencia esse paradoxo.

Talvez não consciência. Mas o que ele faz, na minha visão, é totalmente histórico. Ele relata um cenário, ele relata um comportamento, por exemplo, as pessoas falam “ah, mas hoje em dia o povo só quer saber de bunda de fora, escutar funk” não sei o que.. Gente, será que quando a gente abre um caderno de entretenimento e a Anitta tá estampando o negócio ao invés de ser... (Entrevista, João FELICIANO, Mai. 2016)

E a reflexão desta resposta prossegue na tentativa de encontrar elemento paralelo que possibilite sustentar esse muito.

É, será que não é uma tendência? Porque assim, a gente não vive muito atrelado, existe conteúdo demais e a gente quer escolher. E isso pra gente é o legal. Quer mais pensar em divertir. Então, estou só pegando um negócio aleatório aqui, mas acho que a gente consegue pegar esses registros. E aí você analisa todo um cenário sabe? Então, ah não, então não escreveu só sobre que a Dilma foi afastada tal e isso é história? Não gente, isso é fato histórico independente de ter um jornalista ou não, algum meio de registrar isso você ia ter que ter. Mas, agora eu não sei se o jornalista tem consciência do papel que ele está registrando história, em si. (Entrevista, João FELICIANO, Mai. 2016)

Como então resolver esse dilema em que o conteúdo se efetiva como histórico independente do sujeito que a escreve? E assim se efetiva a problemática deste artigo em que o aspecto central é entender a compreensão de historicidade que se efetiva no sujeito que a produz, quando o discurso automático de ser o jornalismo com status histórico. Se aprofundarmos uma de suas indagações neste segundo quadro teremos de ser obrigados a questionar se há hierarquia nas publicações em que fatos devem ser considerados como históricos, em relação a outros que se

perdem na dimensão das informações da internet ou nas páginas impressas de algum caderno de editoria.

E quem é responsável ou legítima essa hierarquia? Levado ao extremo desse raciocínio teríamos de questionar o sentido crítico da razão para cairmos na identificação de uma racionalidade. Não se trata de fatos que se tornam históricos, mas de sujeitos presente neles que conduziria a uma primeira perspectiva de definição de documento da história. O afastamento da presidente Dilma se torna um fato histórico. A questão desta defesa é entender se essa racionalidade não legitima uma forma de poder em que o outro, o considerado como marginalizado no processo comunicativo, se torna relegado a uma dimensão secundária nesta definição de história.

O próximo passo neste diálogo se fez na junção desses aspectos: como é possível resolver esse dilema, na defesa do sujeito como produtor social, em que o entrevistado dissocia o eu não tenho consciência de que eu estou fazendo uma ação na história mas ela se torna histórica?

É, mas será que ele precisa entender que ele está fazendo história? Esse é um questionamento que eu faço assim, porque ele tá produzindo conteúdo e isso vai ficar registrado. Eu acho que existe uma equação simples e que ela morre ali, agora. Como vão usar esses fatos, esses registros, eu acho que já cabe a outras pessoas. Eu acho que o jornalista quando ele toma noção da responsabilidade que ele tem de registrar o fato e ser fidedigno ao ponto de que isso está sendo perpetuado para outras pessoas verem, aí sim, aí eu acho que precisa ter uma conversa mais... (Entrevista, João FELICIANO, Mai. 2016)

A entrevista chega ao segundo dilema de contraposição entre o meio de comunicação e o sujeito que produz a notícia. Ao conduzir a dimensão da história para o tempo futuro, e não ao presente, torna-se prudente efetivar nova problemática para compreender essa temática. Essa afirmativa disposta na racionalidade técnica nos conduz a questionar: é o registro, e não o ato materializado na produção em si do trabalho do jornalista, o aspecto que predomina nesta conceituação histórica? E sobrevém o dilema de considerar que o tempo, como duração, torna história, mas naquele momento, intensidade, em que se produz a notícia, não se revela noção de história. Ou podemos introduzir nova pergunta que percorre esse embate e está no seguinte fundamento: O jornalismo é histórico por causa da plataforma? E isso implica em considerar que a plataforma, ou a tecnologia, seria hierarquicamente superior ao próprio jornalista que produz? A resposta foi taxativa neste sentido:

Na minha visão de mercado eu acho que sim. Por conta de que, na minha visão, eu acho que é a minoria que tem essa consciência da relevância do conteúdo enquanto construção histórica do negócio. Acho que o pessoal lida mais com o valor do agora, se está passando no jornal de agora é porque o negócio vai acontecer amanhã, ou se aconteceu hoje vai tá no jornal de logo mais tarde. E então acho que a notícia nasce hoje pra morrer amanhã, ela tem um prazo. Eu acho que o jornalista lida mais com essa noção de tempo do que o “estou escrevendo hoje porque daqui 20 anos alguém vai fazer uma pesquisa sobre o Odelmo Leão e eu escrevi que ele não é mais prefeito”, sabe. Eu acho que é mais a noção de tempo que é o X da questão. (Entrevista, João FELICIANO, Mai. 2016)

Neste novo desdobramento a resposta perturba por considerar a efemeridade da notícia cujo valor está somente a ser consumido no hoje, sem qualquer valor para o amanhã. Como é possível entender esse efêmero quando o debate que se efetiva é pelo tempo de duração? Eis aqui a contradição a permear o debate. Aqui preciso restaurar a afirmativa do entrevistado para nos desvelar o conflito. Primeiro, o jornalismo é histórico. Segundo, o jornalista não tem consciência de que aquilo que escreve tem dimensão histórica. Terceiro, a notícia é efêmera e só tem sentido na dimensão do presente, já que morre amanhã. Mas a mesma notícia que morre amanhã, no depois do amanhã, pela duração do tempo, é recuperada como valor histórico para compreender a realidade do passado. E no decorrer deste cenário emblemático se efetiva nova questão sobre os aspectos delineados acima.

Então essa questão do tempo, é muito complexo poder falar disso, porque é a minha visão, a minha visão é difícil ser (inteligível) com isso, sabe? Eu acho que a notícia ela tem uma validade e eu não consigo vê-la de uma outra maneira, assim. Lógico que eu sei da importância histórica do registro em si, mas eu não sei se eu saberia responder ao certo essa sua análise. (Entrevista, João FELICIANO, Mai. 2016)

A última parte da entrevista sobre este tópico vem com considerações para entender os elementos desta concepção do que é ser jornalista. A preocupação aqui está na continuidade de outro ponto da entrevista, sobre o sentido dominante ou a

leitura preferencial da notícia. E vem amparada na questão: para quem o jornalista escreve, ou o que predomina como referência: a ideologia da empresa, para ele mesmo, em seu posicionamento teórico, ou para o público? A pergunta difícil, como confessa Feliciano, para desvelar esse predomínio é respondida depois ao considerar a realidade profissional. No espaço em que Feliciano atuou ele revela que era possível identificar que os jornalistas escrevem mais para empresa do que para o público.

Outro dilema: se considerar que a duração do tempo torna histórico o factual escrito pelo jornalista no tempo presente, e se a referência do texto é mais para a ideologia da empresa, então que história está sendo narrada pelos jornalistas para compreensão no futuro? Qual sentido da história é essa que nós jornalistas estamos levando para daqui a 10 anos, 20 anos? Qual ideologia dessa história que está predominando como sentido dominante?

Nossa! Eu não sei. Eu tenho uma visão muito prática do negócio. Então às vezes eu posso ficar fugindo um pouco disso, mas eu acho que você está querendo é que por ter alguns filtros ou ter algumas portas pra atravessar a gente acaba filtrando o que vai ser história o que não vai ser história [...] Então é difícil de analisar isso. Eu não consigo fazer uma análise tão profunda porque a gente vive uma era onde existe uma produção de conteúdo muito extrema. Eu acho que vai ser até difícil pros historiadores do futuro terem um crivo pra analisar depois o que vai ser mais relevante. (Entrevista, João FELICIANO, Mai. 2016)

## TEMPO DE CONSCIÊNCIA

A segunda entrevistada, da qual delimitamos para este artigo, é a experiente jornalista Renata Neiva, atualmente exercendo como jornalista e diretora do Departamento de Comunicação da UFU. A formação posterior em mestrado no programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faced/UFU e atualmente como doutoranda na linha de Historiografia da Educação (UFU) lhe possibilita narrar em outra tempo a consciência de ser sujeito sobre o sentido histórico do jornalismo. É um aspecto importante a leitura da entrevistada porque se insere na complexidade do próprio viver do sujeito. A resposta de Renata Neiva possibilita analisar, pelo método da Análise Cultural, que o movimento de sentido na intensidade do tempo é da consciência do próprio jornalista. O presente na qual é convidada na entrevista ao mergulho para questionar a si mesmo no passado tem como componente esse entender a contradição de si mesmo.

Ao efetivar a primeira resposta, se o jornalismo faz história, ela sentencia: “faz demais”. E traduz o sentido da frase: “Faz história quando você pode dar voz à comunidade”. (Entrevista, Renata Neiva, Nov. 2015) Os exemplos surgem da realidade concreta em que atuou como jornalista. Um deles é a ajuda às mães do Bairro Esperança.

O bairro Esperança é um bairro com muitas carências aqui em Uberlândia. E elas tinham várias dificuldades. Entre elas a questão do abastecimento de água. E elas nos ligaram, que elas não tinham onde, se elas podiam falar dos problemas que elas tinham. Eu falei “opa, vamos fazer um jornalismo comunitário com vocês” e elas reclamavam do DMAE que não conseguiam água e as contas chegavam e nada. Aí um dia elas falaram: “ó, alugamos uma van, nós vamos lavar a nossa roupa lá no DMAE”. Falei “nós vamos acompanhá-las” e fizemos tudo ao vivo e tal, e colocamos o pessoal e secretário e diretor de DMAE ao vivo. E elas colocaram uns pneus, umas coisas que, enfim.. eu sei que esse é um dos exemplos assim da época que a gente fazia muito jornalismo comunitário. Eu sei que em questão de dias assim a situação já estava resolvida. (Entrevista, Renata NEIVA, Nov. 2015)

O exemplo de jornalismo comunitário está mergulhado na conquista do outro em sua produção de sentido do cotidiano. Não se trata aqui do factual que na duração do tempo se efetiva como histórico. Mas na produção da história a partir das conquistas produzidas na realidade concreta. Esse cotidiano explicita a cultura como política a partir de atos que permitem produzir o significado. A frase “vamos lavar roupa no DMAE” por si só rompe com a factualidade e movimenta o jornalista para produzir sua ação pelo tempo da comunidade. É a situação resolvida que substitui a completude técnica da matéria, como sentido preferencial da leitura. A coragem do jornalista em atuar no veículo de TV somado a coragem das mulheres da comunidade são os fatores que NEIVA considera como primordial.

Essas conquistas, essas pequenas conquistas, então pra mim foi muito importante fazer um jornalismo local, regional e de ir mudando essas histórias, de ir mudando essas realidades, pequenas realidades, de conseguir uma escola não sei pra onde, a situação de uma velhice que não tava legal que a gente ia junto com o promotor fazer uns flagrantes. Eu gostava muito desse tipo de, de... a gente

buscar soluções, a gente estipulava prazos, de ser um intermediário entre esses dois mundos, sabe? De tentar ligar esses dois mundos e buscar solução. Eu acho que eu era um pouco muito sonhadora e assim, a gente conseguiu muito resultado, sabe? (Entrevista, Renata NEIVA, Nov. 2015)

Essa transformação da realidade da comunidade revela num primeiro momento que a produção de sentido do jornalista naquele período era consciente. Mas a pergunta agora se refere à rotina na qual o jornalista se vê mergulhado para produção de notícia. A questão que conduzia pelo testeunho a confirmar o estado de esclarecimento do repórter na produção de notícia toma outro fator inquietante. Neste quadro efetivo a pergunta: Você considera que o profissional que trabalha na redação nessa rotina tem essa consciência de que ele está produzindo história?

A surpresa das respostas vem não pelo documento, pela plataforma como elemento central, mas pelo movimento do sujeito na crítica a si mesmo.

Eu acho que hoje eu tenho mais do que naquela época, porque você é envolvido... você não tem muito tempo pra pensar, você vai, sabe? Assim, acho que alguns sim, mas assim, você é tão envolvido no fazer... você quer buscar uma solução, mas você vai, você está envolvido naquele cotidiano. Hoje eu tenho mais consciência disso. [...] Naquele período acho que não, você tinha muito tempo presente. É jornal, né? É hoje! É tanto, temperatura tal, onze de tal, dia 12 de novembro e que dia que vai ficar pronto, você tá muito preocupado com o presente ali, sabe? Hoje eu acho que eu tenho mais esse olhar assim de "opa, valeu a pena". (Entrevista, Renata NEIVA, Nov. 2015)

A construção de si mesmo no decorrer da entrevista, em que o passado é desvelado em meio a análise do presente, se torna a base de sustentação para entender a consciência crítica. E, neste aspecto, em que a jornalista reconhece que a presentificação se figura como óbice para compreender a complexidade que torna esse "faz demais" história, se configura como o cenário para empreender a nova problemática. Trata-se da mesma questão da sequência do entrevista anterior, mas vale a pena aqui descrever para contextualizar. Se o sujeito a partir da rotina não tem por vezes consciência de que ele está produzindo história, por que se torna história?

E a resposta tem de ser pronunciada pelo enfrentamento, de si mesmo e da compreensão da realidade vivenciada com outros neste mesmo campo. O ponto importante da resposta de NEIVA está em que o questionamento de si no passado remete a problematizar a historiografia da comunicação, ou daquilo que se produz e se configura como histórico.

É... Não sei se tem, se não tem professor, porque naquela hora ali, é muito envolvente assim, dependendo do tema você está muito envolvido com o que que vai acontecer, com a informação, dela chegar primeiro... porque tem essa pressão também dela chegar primeiro, essa pressão ela existe, né? E (pausa) não sei se tem essa consciência. Hoje eu tenho, assim, se eu voltasse hoje pra redação, eu acho que seria de outra maneira também. (Entrevista, Renata NEIVA, Nov. 2015)

Se eu voltasse para a redação a compreensão do que faço seria diferente. Os elementos finais da entrevista só resolveram esse dilema quando em uma das perguntas lembrei de uma professora do Ensino Médio, durante um curso de especialização em que ministrava uma disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica, em Uberlândia. A então professora revelava a utilização do jornal como documento de “verdade” porque aquilo é história. E a pergunta está ancorada agora na decodificação, a partir do conceito de Stuart Hall. Como entender a produção de sentido do jornal, quando se questiona a ausência de consciência de quem o produz como histórico, diante da decodificação da posição dominante hegemônica? Essa posição significa quando “o telespectador se apropria do sentido conotado de, digamos um telejornal ou um programa de atualidade, de forma direta e integral, e decodifica a mensagem nos termos do código referencial no qual ela foi codificada, podemos dizer que o telespectador está operando dentro do “código dominante”. (HALL, 2003, p. 377)

É, ele tem valor como fonte, não é? Como documento, mas ele não é a verdade? Ele não é a verdade. A gente tá produzindo uma história... como que eu vou te colocar isso (pausa). Ele não é verdade, porque ali a gente está trabalhando com as versões dos fatos. Verdade não, mas a gente está produzindo... por exemplo, eu trabalho agora na pós com jornal e história. Então é um olhar historiográfico, de uma certa forma eu estou trabalhando com história das mulheres,



história da imprensa e um documento que é o jornal, que é o meu objeto, então de uma certa forma você produz história mas tem que ter esse cuidado que não é a verdade. (Entrevista, Renata NEIVA, Nov. 2015)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historicidade do jornalismo se tornou uma das outras categorias em que percorri para as entrevistas da pesquisa. E os dilemas para analisar o processo comunicativo, pelas respostas dos dois entrevistados citados neste artigo, está em problematizar sobre essa produção de sentido que se efetiva. A utilização do jornal como documento histórico para o doutorado pela jornalista Renata NEIVA mergulha no paradoxo do sentido histórico da produção de sentido do jornalista. Se o jornalista não tem consciência de sua produção como história, e se nem sempre há referência para o público que se escreve, então que tipo de história ou de sua versão que está sendo narrada. E como a revelação do processo comunicativo, neste momento em que o escritor se efetiva como leitor, em que da codificação passa a empreender a decodificação do documento, pode levar a entender o sentido histórico do jornalismo.

Há textos como o de Graça CALDAS (2005) ou Lúcia Santa CRUZ (2014) em que se apresenta a defesa do papel do jornalista como historiador do cotidiano. Em muitas das argumentações, os nossos entrevistados se baseiam na defesa de que o jornalista faz história. O enfrentamento dialético provocado nas entrevistas teve como proposta mergulhar nesta complexidade: será que realmente é possível entender o jornalismo como história sem que os jornalistas se reconheçam como produtores de sentido para a história?

Para o conclusivo da análise da pesquisa, sob o método de Análise Cultural, o dilema está na defesa de que a notícia não pode ser dissociada do sujeito que a escreve. É necessário mais do que considerar que a notícia é uma versão de outras possíveis leituras da realidade para entender a realidade. O ponto central está em compreender a materialidade do sujeito que permite analisar a notícia como produto social: o jornalista. E pelo aspecto teórico dos Estudos Culturais, há outro embate a ser realizado: o que significa, na complexidade conceitual do processo comunicativo, que o jornalista, ao ser levado pela rotina a produzir determinado sentido da notícia (história) no passado, decodifique como oposicional, no presente, o seu próprio sentido histórico.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CALDAS, Graça. Mídia e Memória: a construção coletiva da história e o papel do jornalista como historiador do cotidiano. In: BEZZON, Lara Andréa Crivelaro. **Comunicação, política e sociedade**. Campinas (SP): Editora Alínea, 2005.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. V. 1 e 2. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994. e 1997
- \_\_\_\_\_. **A Cultura no Plural**. Campinas (SP): Papirus, 1995.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CRUZ, Lúcia Santa. O repórter como historiador do tempo presente: notas sobre a relação entre jornalismo e memória social. In: Encontro Regional Sudeste de História da Mídia, 3, 2014, Rio de Janeiro (RJ). **Anais do 3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia**, Rio de Janeiro (RJ), UFRJ, 2014. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sudeste/3o-encontro-2014.htm> Acesso em: 13 Jul. 2017
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos Estudos Culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Ed. Autentica.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardiã Resende ... (et al). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (org.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Orais: do indizível ao dizível. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.) **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988, p. 14-43.

SOUSA, Gerson de. Os dilemas da construção da identidade de ser jornalista: análise cultural dos conflitos na narrativa da experiência de vida por meio da memória. In: Seminário Brasileiro de Educação e Estudos Culturais, 7, e Seminário Internacional Educação e Estudos Culturais, 4, 2017, Canoas (RS). **Anais do 7º Seminário Brasileiro de Educação e Estudos Culturais e 4º Seminário Internacional Educação e Estudos Culturais**, Canoas (RS), ULBRA, 2017. Disponível em: <<http://www.sbce.com.br/simposio/anaiscmplementares.htm>> Acesso em: 13 Jul. 2017.

\_\_\_\_\_. A produção de sentido no processo comunicativo: a construção da entrevista como conflito na memória e identidade do sujeito jornalista. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXVIII, 2015, Rio de Janeiro (RJ). **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Rio de Janeiro (RJ), UFRJ, 2015. <http://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2015/trabalhos.htm> Acesso em: 13 Jul. 2017

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Trad. Alda Batar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. Trad. André Glasser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.